

beccol

#59

ENTREVISTA

Marcia Tiburi
*“O Facebook
transformou o
rosto em
mercadoria”*

•

**ACONTECE
DE EXECUTIVO A
SEM-TETO**

•

**OPINIÃO
SE A GENTE
FALASSE
MENOS...**

JULIA LACOUR

*Sol, sombra e água
fresca*





RevistaBecool



@becoolmagazine



Capa
Julia LaCour

becool

#59 AGOSTO
2017

4	CARTA AOS LEITORES
5	MISCELÂNEA
	O MÊS EM PÍLULAS
8	ENTREVISTA
	MARCIA TIBURI
12	MANUAL
	ESTILO E COMPORTAMENTO
18	CAPA
	JULIA LACOUR
30	ACONTECE
	DE EXECUTIVO A SEM-TETO
34	OPINIÃO
	SE A GENTE FALASSE MENOS...
38	ENSAIO
	JOHN YUYI
44	ESQUENTA
	SEXO, RELACIONAMENTO E ATITUDE
48	FAZ SENTIDO?
	NÃO SEI ME DIVERTIR
49	CRÔNICA
	OS ROBÔS
50	CHARGE
	HUMOR

carta aos leitores

Galera, a revista ia chegar no dia certo, mas o autor destas linhas e editor da BECOOL está passando por problemas no campo pessoal em que teme pela sua integridade física e a de sua família. Um período de transição em que tudo, até fazer a melhor revista do mundo, parece chato e sem sentido.

Mas no meio do caminho felizmente deu pra encontrar ânimo para completar a revista e, com três dias de atraso, está no ar a BECOOL 59, a dois números do aniversário de 5 anos.

Julia LaCour é nossa modelo de capa, em um ensaio maravilhosamente lindo só com sol sombra e água fresca. O segundo ensaio (sim, temos dois ensaios agora) é com John Yuyi (sim, o nome dela é John), todo em preto e branco e totalmente conceitual. Ambos merecem sua atenção.

Marcia Tiburi é a entrevistada do mês. Ela fala sobre o idiota político, tema de seu último livro. Temos uma história sobre um ex-executivo que, após a crise do Rio de Janeiro, virou morador de rua. Temos Xico Sá falando sobre Luiz Melodia e o silêncio. Temos o mês em pílulas na “Miscelânea”. Temos dicas para a vida no “Manual”. Temos sexo, comportamento e atitude em “Esquenta”. Temos uma charge e colunas de Mônica de Souza e Alberto Villas.

E apesar de tudo de ruim que nos assola, temos mais uma BECOOL indo ao ar. Boa leitura e não deixe de seguir nas redes sociais.

tweetfeed

Você retweetou



Mônica de Souza @monicasouzabc · 9 h

Queridos, quando vocês curtem pornografia isso aparece pra mim, tá? Beijinhos.



1



Você retweetou



Jaoa @joaovtrc · 9 de ago

diga "pô mano esse fds eu tô sem grana" às drogas



1



Você retweetou



lucas vinícius @lucasinutilismo · 10 de ago

imagina cair no gemidão do zap invertido

você abre um vídeo pornô e a mulher começa a falar uma notícia importante do nada

60

3,5 mil

6,5 mil



Você retweetou



Impedimento @impedimento · 7 de ago

Hoje faz um ano de Brasil 0x0 Iraque pelas Olimpíadas, o jogo que rendeu o momento da virada no futebol nacional: o discurso do Galvão.

9

164

346



Você retweetou



Corneta Europa @cornetaeuropa · 7 de ago

Brava Chapecoense. Tomou menos gols no Camp Nou do que o PSG.

13

825

1,4 mil



Você retweetou



A boy named Sue @geovanosdays · 7 de ago

O ano é 3042

A era das máquinas já iniciou-se

O Flamengo demite seu técnico

Pessoas fazendo piadas com Seu Waldemar.

2

8

14



Você retweetou



beatriste @ByaBuzzolo · 4 de ago

eu nao abro mais audio do whatsapp
o gemidao me traumatizou

1

1



Você retweetou



krish @kribshna · 1 de ago

eu gosto muito de contemplar minha existência humana (passar o dia inteiro sem fazer nada)

1

1



Você retweetou



Rossi @RossiAtacante · 1 de ago

OHHH AAAAAH OOOHHH AAAAAH

51

1,4 mil

1,2 mil



mulheres que amamos . bloco de notas . roteiro sp

miscelânea

mulheres que amamos

NATALIE PORTMAN

A atriz de rosto delicado conquistou o coração de muitos homens por suas feições.

Natalie Portman começou a atuar em 1994 em *O Profissional*, de lá pra cá sua carreira só cresceu e ela mostrou que, além de linda, é também talentosa, arrebatando o Oscar de melhor atriz por *Cisne Negro* (2010).

Formada em Psicologia pela Universidade de Harvard, Natalie Portman é mãe de Aleph, que completa dois anos no próximo dia 14, fruto do casamento com o coreógrafo Benjamin Millepied. Discreta em relação a sua vida pessoal, a bela namorou Gael García Bernal entre 2003 e 2005 e também já teve seu nome ligado ao de Jake Gyllenhaal, embora ambos nunca tenham assumido o relacionamento.

Engajada, Natalie Portman é vegetariana desde criança e só usa sapatos ecologicamente sustentáveis.

mulheres que amamos . bloco de notas . roteiro sp

bloco de notas



contra ela.

Por 222 milhões de dólares, o PSG realizou a transferência mais cara da história do futebol mundial: comprou Neymar do Barcelona. O craque brasileiro estreou neste domingo (13) contra o Guingamp. O time parisiense venceu por 3x0 com gols do próprio Neymar e de Cavani, além de um gol contra resultado de uma trapalhada da zaga.

No período da transferência, Neymar se calou sobre a negociação, brigou com colega de time e acabou por fechar a porta do Barcelona de forma similar ao que fez no Santos. A torcida catalã reagiu de forma extrema, inclusive partindo para manifestações de racismo.

O PSG volta a campo dia 20, em casa, contra o Tolouse. O jogo marca a estreia de Neymar com presença da torcida de seu novo time.



Parabéns ao time do Santos, campeão brasileiro de futebol feminino após derrotar o Corinthians/Audax por 2x0 na ida e 1x0 na volta. As equipes se enfrentaram nos dias 13 e 20 de julho, respectivamente na Vila Belmiro e na Arena Barueri.

No jogo de ida, o Santos conseguiu levar 15 mil pessoas à Vila, recorde do estádio no ano. Sole James foi a artilheira do campeonato.

Para os que perderam, tem outros troféu. Inclusive a Libertadores Feminina, em que o time do Corinthians representará o Brasil.

Para mais informações siga no Twitter @becoolmagazine



O juiz William Martinez, do tribunal de Denver, no Colorado, rejeitou nesta sexta-feira (11) a acusação do DJ David Mueller de que Taylor Swift teria causado sua demissão ao acusá-lo de assédio sexual. O juiz afirmou que o DJ não tinha provas contundentes de que a cantora teria de fato causado o fim de seu contrato com a rádio da qual era funcionário.

Taylor alega ter sido apalpada pelo DJ durante um evento em 2013. Após o relato do ocorrido, Mueller foi demitido. Ele processou a cantora por R\$ 3 milhões por danos morais. Ela o processou de volta por R\$ 1 milhão e reafirmou que sofreu assédio.

Esta revista recomenda aos seus leitores lerem os trechos do julgamento em que Taylor dá boas invertidas nos argumentos

setlist

Um ano de Olimpíada

Sim, o nosso evento esportivo favorito completou um ano de vida no último dia 5 e pra comemorar, apresentamos esta Setlist.

5. **Baianasistem — Playsom:** um pouco de francês e um pouco de português pra não esquecer Thiago Braz. Chupa, França!
4. **Skank — Uma partida de futebol:** o Rio 2016 foi o ano do ouro olímpico da seleção. Obrigado pela bronca, Galvão.
3. **Anitta — Paradinha:** e junto com Olimpíada do Rio, a carreira internacional da Anitta faz um ano. Parabéns!
2. **Ary Barroso — Aquarela do Brasil:** essa foi, definitivamente, a nossa Olimpíada. Que orgulho de ser brasileiro!

1. Camisa de Vênus — Essa Linda Canção

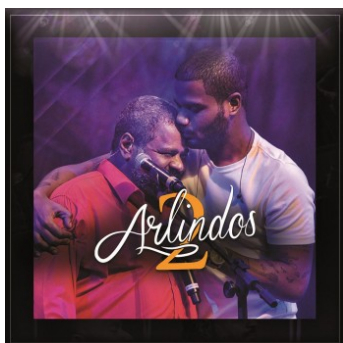
E depois da Olimpíada, todo mundo se fodeu porque o Rio quebrou. Esse caminho é tão comprido, todo mundo tá fodido.

roteiro sp



FILME: DUPLA EXPLOSIVA

O principal guarda-costas do mundo possui um novo cliente: um assassino de aluguel que precisa testemunhar na Corte Internacional de Justiça. Por anos eles estavam em lados opostos de um tiro, mas agora eles estão presos juntos. Eles precisam colocar as diferenças de lado para chegarem ao julgamento a tempo.



CD: 2 ARLINDOS

Projeto que une duas gerações de sambistas cariocas em clima familiar: Arlindo Cruz e Arlindo Neto, pai e filho. A parceria entre os 2 Arlindos aparece nas composições "Bom Aprendiz", "O Papo é à Vera" e "Pra que Insistir". Álbum traz ainda canções assinadas por nomes de peso como Rogê, Luiz Carlos da Vila, Marcos Vale, Picolé, Jorge Aragão e Zeca Pagodinho. O projeto mescla ainda músicas inéditas com os clássicos "Dor de Amor", sucesso na voz de Zeca Pagodinho e Beth Carvalho, "Fogueira de uma paixão", famosa na voz de Leci Brandão e "Pais e filhos", lançada anteriormente por Tim Maia. (Universal, R\$ 22)



LIVRO: FORTALEZA IMPOSSÍVEL

Um trio de garotos esquisitos e uma nerd brilhante que esconde um grande segredo. Um inesperado romance que nasce em meio a computadores e disquetes. Um ousado e perigoso assalto para roubar a edição de maio de 1987 da revista Playboy, com imagens escandalosas de uma famosa apresentadora de TV. Todos esses elementos se unem para compor Fortaleza Impossível, um romance que fará você rir, se emocionar e recordar a maravilhosa sensação de se apaixonar por algo – ou alguém – pela primeira vez. (Arqueiro, 272 páginas, R\$40)



SHOW: PLANET HEMP

O grupo, famoso por unir o rap dos vocais ao som da guitarra, bateria e baixo, promete animar o público com grandes sucessos da carreira. Dia 18, às 22h no Audio Club: Avenida Francisco Matarazzo, 694, Oeste 05001-000. Ingresso: R\$60 a R\$140.

Marcia Tiburi

“O Facebook transformou o rosto em mercadoria”

A filósofa e professora nascida em Vacaria possui um olhar atento sobre o cotidiano brasileiro. Seu livro mais recente fala sobre como ridículo passou a ser usado como estratégia política na era das redes sociais. Nesta entrevista, Marcia fala sobre isso, sobre filosofia e sobre liberalismo.

POR LEANDRO FONTOURA

Marcia Tiburi não escuta música. Considera jazz aceitável, mas abandonou o prazer musical de tanto estudar e elaborar análises em um projeto de produção filosófica iniciado há três décadas, ao cursar faculdade na PUCRS. A música, diz ela, perde o encanto quando nos damos conta de que o gosto, tido como natural, é produto do meio em que vivemos e do leque de ofertas filtradas e formatadas pelo mercado.

Marcia pensa e escreve com um olhar no cotidiano brasileiro. Estética, política, indústria cultural, classes sociais, tecnologia, feminismo, capitalismo, ética e democracia são temas de seus ensaios.

O mais recente, batizado de *Ridículo Político* (Record, 238 páginas, R\$ 39,90), foi lançado em Porto Alegre no dia 3. Na mesma data, a autora — hoje doutora em filosofia, professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e moradora da capital fluminense — conversou com ZH.

Na entrevista (e também no livro), a pensadora nascida em Vacaria aponta como o ridículo passou a ser manipulado na política. Em uma época na qual aparecer a qualquer custo tornou-se regra, o ridículo virou estratégia eleitoral e tem

ganho espaço em diferentes países, incluindo o Brasil. Marcia alerta para os riscos desse fenômeno.

Ridículo Político é, no fundo, uma dura crítica ao neoliberalismo, modelo que, para a autora, é o motor por trás de diversas distorções sociais. Filiada ao PSOL, ela não se imagina concorrendo a algum cargo eletivo. Prefere dedicar sua energia política ao PartidA, movimento que incentiva candidaturas feministas pelo país.

Leandro Fontoura: Há um grupo de intelectuais que faz sucesso fora da academia, usando linguajar mais simples nas reflexões. Ao mesmo tempo, são criticados por terem se tornado celebridades. Como você vê essa relação?

Marcia Tiburi: Como professora de Filosofia, minha obrigação é conversar com o maior número possível de pessoas. A colaboração que a filosofia pode dar à sociedade é a introdução do diálogo na esfera pública, e estamos mal pela ausência de diálogo. Desde a edição da medida provisória que desorganizou o Ensino Médio, passei a pedir que seja apresentada, em uma entrevista, por exemplo, como professora, e não como filósofa ou escritora. É uma atitude ética e política. Minha intenção é valorizar a educação e as



*“Ele sofreu
por ter caído
três vezes nas
semifinais,
sempre
diante de
espanhóis”.*

peças que estão nas salas de aula. Os professores devem se propor ao diálogo público para que as pessoas possam melhorar sua compreensão sobre a sociedade.

LF: Você diz que vivemos em uma sociedade em que o objetivo é aparecer a qualquer preço. Qual é o limite?

MT: A fama é uma deturpação do reconhecimento. Na nossa época, a imagem, o lugar que se ocupa e a influência que se tem transformaram-se em uma espécie de capital, uma mercadoria. A fama é o reconhecimento rebaixado à mercadoria. O reconhecimento é talvez a configuração ética e política mais básica da condição humana. O reconhecimento é fundamental, mas foi deturpado pela fama.

LF: As redes sociais expandiram a busca pela fama?

MT: O Facebook transformou o rosto de cada um em mercadoria. A rede social garante ao indivíduo um lugar na grande tela, que dispensa o olhar do outro. O risco é de que a gente tenha projetado na rede uma autorrealização que não existe no nosso sistema capitalista neoliberal. O reconhecimento que nos fazia humanos vinha de uma estrutura em que as relações humanas estavam em jogo. Hoje, temos relações supra-humanas, com tecnologias que nos robotizam, nos esvaziam e nos plastificam. Podemos até falar em pós-humanidade, que é a perda do lastro humano nas relações.

LF: Por que as pessoas têm necessidade de ostentar seu gosto?

MT: Há um patamar da disputa política que é a disputa do gosto. A luta de classes é também uma luta estética. Há uma separação nítida na cultura capitalista entre o gosto das classes favorecidas e o gosto das classes desfavorecidas. A nossa tendência, por acharmos que nosso gosto é natural, é acreditar que aquilo que é organizado, limpo, bem pintado e com fachadas brancas carrega também uma moral, uma ética e uma política ilibadas. Existe um sistema de poder atrelado ao gosto e que faz com que a gente controle a aparência, o aparecer e os espaços.

LF: Na época dos rolezinhos, por que aquelas pessoas não poderiam entrar nos shoppings? Não podemos e não deveríamos julgar pela aparência o que a pessoa é do ponto de vista ético, econômico ou político.

MT: Mas somos capturados pela ordem estética. Pensamos que nosso gosto é natural: se gosto de música clássica, posso ser um cidadão melhor do aquele que gosta de funk. Isso é uma ilusão. Se elaborarmos a relação entre estética e política, talvez possamos sair do cenário hipócrita no qual estamos.

LF: Se o gosto é produzido, como podemos saber qual é, de fato, o nosso?

MT: Um sujeito autônomo seria capaz de analisar todo tipo de gênero, do sertanejo ao dodecafônico, e acabaria tendo uma relação intelectual com a

música, uma vez que a questão no campo da sensibilidade seria bem mais complicada de se resolver. A afetividade em relação à música se dá de um jeito imediato. Acabo gostando do tipo de música que aprendi, que faz parte do meu meio, que conheço e consigo compreender. Não somos nada livres em relação ao nosso gosto. E há quem faça gênero em relação ao gosto: finge gostar de algo, que é um jeito de causar efeito nos outros.

LF: Como evitar isso?

MT: As pessoas que têm mais reflexão sobre essa questão conseguem ser mais astuciosas em relação ao próprio gosto. No entanto, as pessoas deveriam se sentir tranquilas em relação ao que gostam, desde que saibam respeitar o gosto dos outros. O julgamento sempre implica um poder sobre o outro, um controle e uma tentativa de se capitalizar em cima da humilhação do gosto do outro. Não recomendo a ninguém ficar como eu fiquei. De tanto analisar tudo isso, não escuto música nenhuma. Posso escutar para conhecer, mas não vou julgar. Soube que Mario Quintana também não gostava de música, então estou em boa companhia.

LF: O escracho, o ato de fazer uma censura pública contra alguém, nasceu como uma forma de denunciar torturadores. Hoje, é visto em qualquer lugar — aviões, hospitais, restaurantes. Qual é sua visão sobre isso?

MT: O que me preocupa é o estado da nossa mentalidade e subjetividade, que autoriza manifestações tão agressivas. Quando bem organizado, o escracho pode ser uma grande expressão artística e política contra certas figuras. Mas tem de ocorrer num contexto em que possa significar algo. Não pode ser a solução onde antes poderia haver diálogo e civilidade. No extremo, o escracho pode se tornar linchamento. O que está em jogo na nossa época é um tipo de subjetividade que se tornou vazia de reflexão e de sensibilidade e, ao mesmo tempo, prepotente, convicta de sua autoridade em relação ao outro.

LF: Segundo seu novo livro, quem domina o ridículo político pode se tornar até presidente. Como você analisa o fenômeno Donald Trump?

MT: Trump é visto como simpático, engraçado, grotesco, bufão e palhaço e, nessa mistura, o cidadão comum se identifica com ele. Os intelectuais e a esquerda costumam



negligenciar o caráter afetivo primitivo que a população tem em relação a determinados personagens. A direita não negligencia isso. Gosta-se demais do vilão da novela, por exemplo. Não é impossível que as pessoas gostem de um vilão também no teatro da política.

LF: O Brasil está perto de algo assim?

MT: As pessoas estão dizendo que não é preciso se preocupar com determinados personagens que aparecem nas pesquisas, como Jair Bolsonaro e João Doria. Não terão votos, não vão longe, muitos dizem. Com Trump, ocorreu a mesma coisa. O cidadão mais despreparado para a política ouve o discurso do líder despreparado e se identifica com esse despreparo.

LF: O livro só aponta exemplos do ridículo em líderes da direita. Não há ridículo na esquerda?

MT: O coreano Kim Jong-un e o venezuelano Nicolás Maduro são ridículos. Mas o populismo escancarado, da ignorância e da estupidez, é mais raro na esquerda por causa de seu pudor e de seus valores. Dificilmente vê-se alguém de esquerda fazendo um discurso mais preconceituoso.

LF: Como escapar das armadilhas da política como publicidade e da força eleitoral que o ridículo político já demonstrou ter?

MT: A publicidade define a estrutura da política quando a transforma em puro aparecer. Debater o ridículo político faz sentido porque não são os melhores que ganham a cena hoje. As pessoas estão votando no bufão. No Brasil, o caminho seria uma reforma política. Há uma discrepância fora do comum entre o desejo do cidadão e o que se faz com a instituição política. Seria importante devolver a política ao cidadão em um sistema em que a pluralidade seja respeitada. Poderíamos ser mais razoáveis na construção de um projeto de país, levando em conta as necessidades de todos os grupos.

LF: Você elabora uma explicação poética para a pichação, mas como explicá-la ao cidadão comum?

MT: Podemos nos questionar por que alguém escreve um romance de 500 páginas, um roteiro de cinema ou uma poesia, e também por que alguém picha. Ninguém está errado ao produzir sua linguagem, tudo é linguagem. A pichação é uma manifestação que transforma as superfícies da cidade em papel, e incomoda porque risca a fachada branca.

O pichador está nos dizendo coisas sobre as quais talvez a gente não consiga parar para pensar. A pichação rompe com a estética burguesa porque não é bonita, é um ato contra essa estética.

LF: E o grafite?

MT: O grafite é arte. É uma linguagem de mediação, o meio do caminho entre a pichação e a literatura. E (João) Doria fez esse absurdo de apagá-lo. O grafite também era insuportável para as pessoas, que depois começaram a gostar dele. São Paulo hoje é a capital mundial do grafite, há obras valiosíssimas nos muros da cidade. E o prefeito não sabe disso. É um bom exemplo do ridículo político.

LF: Você explica os black blocs como uma violência menor em relação à violência do capitalismo. Para quem vê a política como uma construção universal, não se torna arriscado justificar uma forma de violência?

MT: É arriscado, mas penso em formas de linguagem. Não consigo ter um olhar mais crítico em relação aos black blocs, porque acho que o sistema financeiro brasileiro quebra a vida de muita gente e o próprio país. A atitude black bloc é, como tática, respeitável. Mas representa apenas um efeito simbólico. No extremo, temos de aprofundar o desmantelamento do sistema capitalista, colaborar para que o sistema se modifique rumo a sua superação. Não sou a favor de que se saia quebrando tudo, mas não sou a favor de dizer que quebrar tudo seja uma péssima ideia.

LF: O que é essa superação do capitalismo?

MT: Se não podemos criar um tipo de economia política que se afaste da lógica do capital imperando sobre tudo e que produza uma sociedade e um estado de bem-estar social, não temos futuro. Precisamos de um sistema econômico e político que dê dignidade à nação. A cidadania corre risco com o fim dos direitos trabalhistas. O que nossos filhos terão desse país? Quem precisa cancelar os direitos trabalhistas é o capital internacional colonial que entrou em acordo com as oligarquias internas.

Não posso propor a revolução socialista, porque não sei se seria o melhor. Proponho a democracia radical: chamar vários grupos e pensar um projeto para o país, na base do diálogo. Sem um Brasil para todos, não há futuro para cada um. ●

manual

ESTILO E COMPORTAMENTO

carreira

.

VESTIR-SE BEM TRAZ MAIS SUCESSO

POR PEDRO NOGUEIRA

“**Vista-se para o sucesso**”, diz uma antiga máxima que é repetida há décadas pelos coachs de carreira. E eles estão certos em sugerir isso.

Um estudo publicado pelo “Washington Post” provou que, de fato, a roupa tem uma influência tremenda na performance de um profissional.

Pesquisadores de Yale recrutaram 128 homens para simular vários cenários de negociação. Eles foram divididos em três grupos e receberam roupas diferentes:

- 1# Terno e sapato
- 2# Moletom e camiseta
- 3# Looks aleatórios

A turma do terno teve um lucro médio de US\$ 2,1 milhões nas negociações. Quem estava de moletom, por outro lado, ganhou apenas

US\$ 680 mil. Os rapazes de roupa aleatória performaram na metade do caminho entre ambos.

Pois é, senhores, vocês viram como o simples fato de usar um look formal elevou absurdamente o desempenho dos voluntários?

O motivo, segundo o estudo, é que roupas elegantes aumentam a confiança de quem está usando e afetam positivamente como os outros te veem, o que resulta em resultados melhores numa negociação.

Além disso, usar terno melhora a nossa capacidade de raciocinar, segundo outro estudo citado pelo jornal com 361 pessoas, no qual os voluntários vestidos formalmente resolveram tarefas com mais rapidez do que seus colegas em looks casuais.

Bora prestar mais atenção na roupa que usamos para ir ao escritório a partir de agora?





estilo

.

12 DICAS PARA SE VESTIR BEM

POR PEDRO NOGUEIRA

Se vestir bem é uma arte que leva tempo para ser dominada. Olhe as fotos antigas do David Beckham e as atuais. A diferença é brutal, não?

Ninguém vira um símbolo do estilo da noite para o dia. Mas se você se tiver paciência e seguir estas 16 dicas de moda masculina que reunimos aqui, pode ter certeza de que em breve estará se vestindo melhor.

1# FIQUE ATENTO AO CAIMENTO DAS PEÇAS:

Muitos homens se preocupam apenas com o visual da roupa que compram e se esquecem que o caimento da peça no corpo é tão importante quanto. Nunca negligencie esse fator. De preferência, use roupas com uma modelagem slim, mais ajustada ao corpo.

2# VISTA-SE DE ACORDO COM A OCASIÃO:

Existe um tipo de roupa adequado para cada lugar. Lembre-se disso sempre e escolha com sabedoria, especialmente para o trabalho, porque a roupa até mesmo afeta a performance profissional, segundo estudos.

3# NÃO SUBESTIME O PODER DOS DETALHES:

Você pode achar que ninguém vai notar que sua camisa foi mal passada ou que a barra da calça está toda embolada. Mas não subestime o poder dos detalhes. Esses pequenos vacilos são capazes de detonar um visual.

4# APOSTE NO CLÁSSICO QUANDO ESTIVER EM DÚVIDA:
Já falamos aqui no site que o

look masculino mais sexy, segundo as mulheres, é jeans azul e camiseta lisa branca. Em outras palavras? O clássico funciona sempre que você estiver em dúvida.

5# NUNCA USE MEIA BRANCA:
Elas são para a prática de esportes. A meia deve combinar com a calça e, vamos ser honestos, raramente você vai usar uma calça branca.

6# PRESTE ATENÇÃO À QUALIDADE DO TECIDO:
É melhor investir em qualidade do que quantidade. Os tecidos de fibras naturais, tipo algodão, são mais confortáveis e bonitos do que os de fibras sintéticas, como o poliéster.

7# REDESCUBRA OS RELÓGIOS DE PULSO:

Ok, você tem o seu celular para ver as horas, mas que tal redescobrir os relógios de pulso? Este é um acessório que vai elevar o seu look como um todo.

8# CONHEÇA AS COMBINAÇÕES QUE FUNCIONAM BEM:

Isso ajuda bastante na hora de escolher a sua roupa. A combinação “all black”, com todas as peças pretas, costuma funcionar muito bem. Calça jeans e jaqueta jeans também. Bota e camisa de flanela idem.

9# TENHA CONSCIÊNCIA DO SEU FORMATO CORPAL:

Aquela camiseta justa no abdômen que você viu um modelo profissional usando no catálogo da marca não vai ficar boa se você está 10 quilos acima do peso ideal. Tenha



consciência do seu formato corporal (alto, baixo, magro, plus size) e vista-se de acordo com ele. Mas no longo prazo, o melhor é se matricular na academia e conquistar o shape dos seus sonhos.

10# APOSENTE O SAPATÊNIS: Pois é. O sapatênis é uma peça que não ajuda o look como um todo. Melhor investir num calçado com mais personalidade como uma bota rústica, um sapato moderno ou um tênis branco.

11# ESTEJA ABERTO A OPINIÕES:

Não seja orgulhoso. Esteja sempre aberto a opiniões das pessoas que você considera ter bom gosto. As mulheres costumam ser ótimas conselheiras. Mas tome

cuidado, isso não significa que você deve se vestir para agradar os outros. Trata-se apenas de ouvir conselhos construtivos.

12# NÃO SEJA UM ESCRAVO DAS TENDÊNCIAS:

A moda passa, o estilo permanece, diz uma máxima. Nada contra se inspirar em algumas tendências da atualidade. Mas se você mudar seu armário inteiro a cada estação para seguir tudo que a indústria da moda promove, vai falir e nunca terá um estilo próprio.

13# INVISTA EM PEÇAS ATEMPORAIS:

Em oposição às tendências, há algumas peças atemporais (como uma jaqueta de couro ou um blazer azul-marinho

bem cortado) que não envelhecem. Tenha essas coringas à sua disposição sempre.

14# TENHA BOAS REFERÊNCIAS:

É fundamental ter boas referências para te inspirar na hora de montar um look. Em nosso Instagram do @modamasculina postamos fotos de inspiração diariamente. Nos acompanhe por lá e siga também os caras que você considera um exemplo de estilo, tipo David Beckham ou Ryan Reynolds, para “roubar” os looks deles.

15# DOE SUAS ROUPAS VELHAS:

Todos nós temos aquelas camisetas, bermudas e moletons velhos que trazem

boas recordações para nós. Mas se você quer melhorar seu estilo, essas roupas não têm mais espaço no seu armário. Doe o quanto antes para não correr a tentação de usá-las novamente.

16# LEMBRE-SE DO CONFORTO:

Uma das coisas mais importantes para ser estiloso é se vestir com confiança. Mas se você estiver com peças desconfortáveis, isso vai afetar a sua confiança.

CUIDE BEM DO GROOMING (#BÔNUS):

Se você estiver com um corte de cabelo ruim, a pele oleosa, a barba desganhada ou cometer outras falhas de grooming, o visual ficará feio.



QUAL A MELHOR VELOCIDADE?

POR RICARDO WESLEY

Um dos fatores mais menosprezados na musculação é a velocidade de execução dos exercícios. Mas esse fator é muito importante, porque através dele você pode criar estímulos diferentes nos músculos.

Hoje vamos falar sobre este assunto. Para definir a velocidade de execução, utilizarei três números que expressarão segundos sendo que:

- O primeiro representa a velocidade da fase concêntrica do movimento, ou seja, o

tempo que você demora para levantar o peso.

- O segundo representa o tempo que você passa na isometria máxima, ou seja, na posição de pico do movimento em que você fica parado.
 - O terceiro representa a velocidade da fase excêntrica do movimento, ou seja, o tempo que você demora para abaixar o peso.
- Bora analisar algumas possibilidades, então?

VELOCIDADE 1-0-1

Excelente para desenvolver força explosiva ou força máxima. Mas se o seu intuito é desenvolver hipertrofia talvez não seja a melhor solução. Ou, pelo menos, talvez não seja a melhor solução a ser aplicada a longo prazo.

VELOCIDADE 1-1-2

Com uma fase excêntrica acentuada e uma contração máxima no topo que ajuda a ativar mais fibras motoras, essa velocidade é tipicamente utilizada por fisiculturistas e é aplicada para manter a

musculatura um maior tempo sob tensão.

VELOCIDADE 3-0-3

Basicamente um slowmotion da execução tradicional. É normalmente utilizada em movimentos em que se realizam poucas repetições (como é o caso de alguém aprendendo a fazer uma barra fixa) ou em movimentos que tem como objetivo aumentar o “pump” (inchaço muscular gerado com os exercícios), tipicamente o último exercício do treino.

* * *

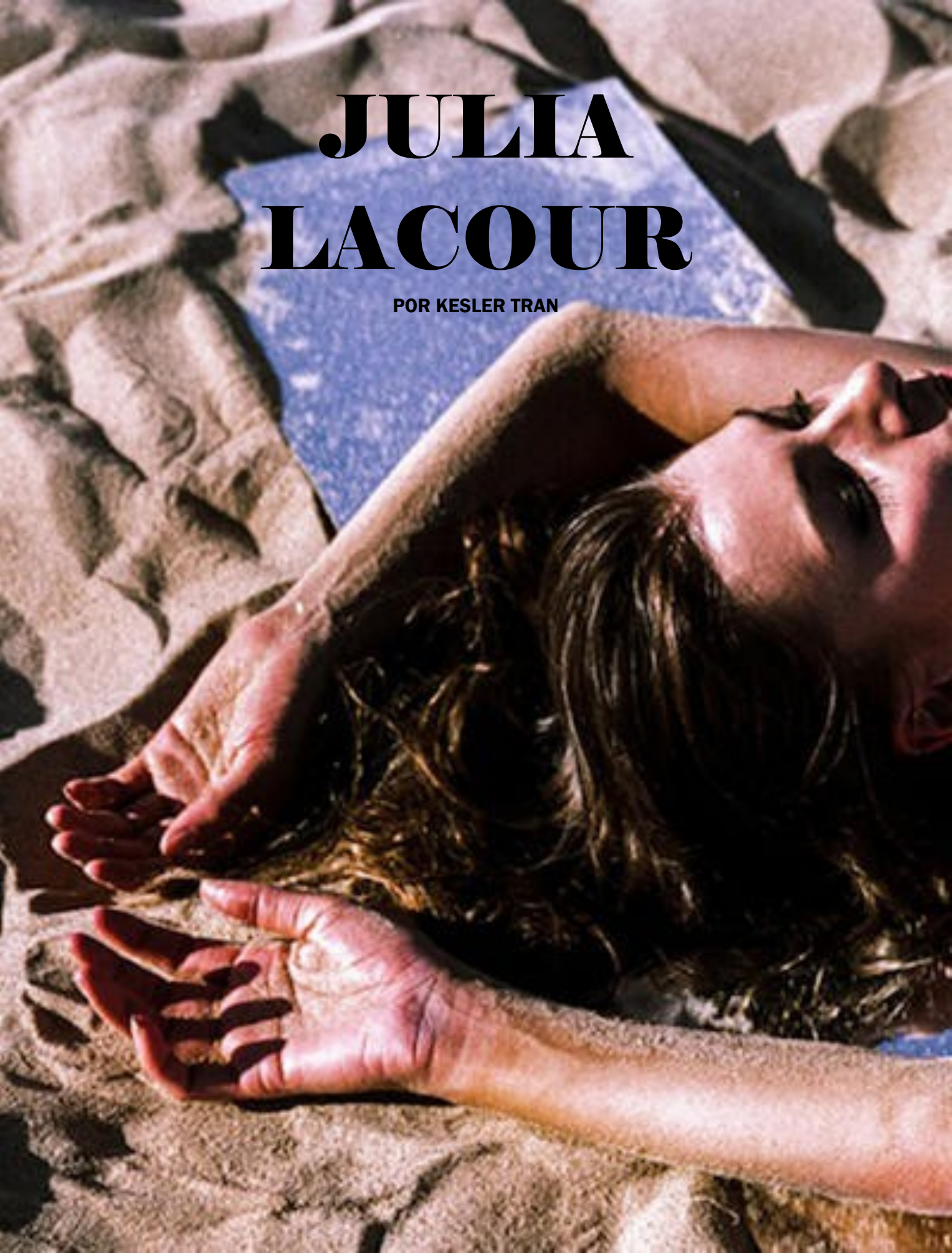


Se você realizar outras velocidades também vai obter resultados. No entanto, é preciso entender o porquê de executar o exercício daquela forma e entender também se você está utilizando o melhor método para o seu objetivo.



JULIA LACOUR

POR KESLER TRAN

























acontece

.

DE EXECUTIVO A SEM-TETO

A situação de calamidade do estado do Rio de Janeiro levou ao aumento no número de moradores de rua. Até ex-executivo sofre por conta do desemprego e da pobreza.

POR CAROLA SOLÉ



Muitos chegaram ao Rio procurando emprego durante a Copa e a Olimpíada.

Vilmar Mendonça foi gerente de Recursos Humanos de várias empresas, mas há um ano e meio mora nas ruas do Rio de Janeiro, junto a milhares de vítimas da crise da Cidade Maravilhosa. Mendonça perdeu seu emprego em 2015. Conseguiu se manter com suas economias por algum tempo, mas eventualmente ficou sem dinheiro para pagar o aluguel.

Hoje, aos 58 anos, ele dorme em um banco em frente ao aeroporto Santos Dumont, deixa alguns pertences em uma agência bancária da qual é cliente, faz sua higiene em banheiros públicos e sobrevive da comida distribuída por ONGs.

"É uma situação terrível para mim, mas não tenho outra alternativa", diz à AFP este ex-executivo, magro, divorciado e sem filhos, natural de Itajaí (Santa Catarina), enquanto analisa ofertas de trabalho em seu computador graças ao Wi-Fi do aeroporto.

Com camisa social e tênis moderno, Mendonça não aparenta ser um dos milhares de sem-teto da cidade, de seis milhões de habitantes. No final de 2016, a prefeitura do Rio registrava 14.279 pessoas em situação de rua, o triplo que em 2013.

Setenta deles têm nível superior, como Mendonça, que se formou em administração de empresas em São Paulo e trabalhou para a subsidiária de uma multinacional.

Sua situação reflete a gravidade de uma recessão que deixou 13,5 milhões de desempregados, assim como a realidade de uma cidade que há apenas um ano inaugurava com pompa os Jogos Olímpicos.

Mendonça fala da dificuldade de procurar e de conseguir ajuda em um momento como esse. Como muitos, ele não contou sua situação a quase ninguém. "Quando você está em uma situação assim, ninguém quer estar perto de você", comenta.

Apesar de tudo, ele acredita que isso é algo passageiro e se esforça para não deixar a peteca cair.

Durante o dia, faz exercícios físicos, lê em cafés e livrarias, escreve seu perfil no Facebook – onde aparece de terno e gravata – e vai a entrevistas de trabalho, nas quais concorre com centenas de candidatos mais jovens que ele.

À noite, coloca roupas simples e um boné para passar despercebido, enquanto se cobre, deitado no banco, perto das câmeras de segurança do aeroporto. "Eu procuro ficar isolado, até para não perder o foco da minha subsistência, porque se eu me juntar com outras pessoas posso conviver com coisas que não quero, como drogas ou sujeira", afirma.

Embora a maioria dos cariocas estejam acostumados a desviar o olhar, os turistas que passeiam por Copacabana e Ipanema se surpreendem com a quantidade de pessoas sem-teto que encontram pelas esquinas – um cartão postal muito diferente do anunciado nos guias de

viagem.

No centro histórico, perto dos Arcos da Lapa, a cada noite grupos de até 20 pessoas ocupam ruas inteiras, e dezenas dormem sobre papelões, enrolados em mantas. A imagem impressiona, mas não tanto quanto as histórias por trás de cada morador de rua.

A maioria é de negros de origem pobre, e muitos são viciados em drogas, com problemas psicológicos ou familiares; há também vendedores ambulantes e funcionários públicos aposentados, como Gilson Alves.

Alves, de 69 anos, trabalhou durante 35 anos como técnico em radiologia em hospitais públicos do Rio. Mas devido aos atrasos no pagamento da sua aposentadoria, teve que vender seus pertences e sair do apartamento alugado.

Alves nunca teve uma vida fácil. Aos cinco anos, perdeu uma perna quando foi atropelado por um bonde. Há dois meses, foi para a rua com uma sacola e, depois de lhe roubarem tudo, foi resgatado pelos serviços da prefeitura e levado a um dos 64 albergues municipais, com capacidade para 2,2 mil pessoas.

"Me sinto muito triste, humilhado com esta situação, machucado por ter prestado tantos anos de serviço na área de saúde (...) e não ter conseguido construir nada por culpa de um governo", diz.

Ele divide quarto em um albergue da Ilha do Governador com seis pessoas idosas, entre elas Jorge da Cunha, um operário com problemas respiratórios, de 63 anos, que perdeu seu trabalho há dois anos.

"A situação é crítica", reconhece em declarações à AFP a secretária de Assistência Social do Rio, Teresa Bergher.

Muitos brasileiros chegaram ao Rio procurando emprego durante a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016, mas hoje o estado está com os cofres vazios, vítima da queda do preço do petróleo e atingido por uma corrupção endêmica.

O ex-governador Sérgio Cabral (2007-2014) foi condenado a mais de 14 anos de prisão, acusado de desviar milhões de reais. Uma parte da quantia recuperada permitiu, em março, pagar os décimos terceiros atrasados de cerca de 150 mil funcionários públicos aposentados.

"O crescimento acelerado de pessoas em situação de rua no



Rio se deve principalmente à crise econômica e também à falta de políticas públicas para o setor", afirma a defensora pública Carla Beatriz Nunes.

Diante deste vazio, redes de voluntários de igrejas e ONGs oferecem atenção social, servem cafés-da-manhã e algumas

organizam até aulas de ioga para os sem-teto.

"Quem paga pela crise é quem tem menos condições financeiras, menos estudos", afirma Robson, um operário da construção desempregado, de 43 anos, cujo rosto sujo faz com que seus brilhantes olhos azuis sobressaíssem ainda mais. ●

SE A GENTE FALASSE MENOS...

*Luiz Melodia dá a letra e o mantra que nos servem
no comportamento nas redes sociais: se a gente
falasse menos, talvez compreendesse mais.*

POR XICO SÁ



se a gente falasse menos...

.

A palavra não foi feita para enfeitar; foi feita para dizer.

Em uma das suas maravilhas contemporâneas, a música “Congênito”, Luiz Melodia nos deixou, em dois versos, uma sabedoria que serve como um manual de boa convivência nas redes sociais e fora delas: “Se a gente falasse menos/ Talvez compreendesse mais”.

Sim, o puro conteúdo é consideração. Valeu pelo mote desta crônica, caro colega Mauro Cezar Pereira, vamos nessa. Quem se habilita a seguir a etiqueta zen-budista do negro gato do morro do Estácio? Difícil. Este modesto tuiteiro das galáxias que o diga. De post em post, a poeira da incompreensão a tudo encobre. E de nada adianta apagar o escrito ou simplesmente assumir que mudou de ideia, sempre aparece um vigilante do print, vixe!, e entre o dito e não-dito, o eterno retorno do bafo refaz o estrago e a polêmica.

No amor sob suspeita, entonce, nem se fala. Quanto mais salivamos os perdigotos das falsas promessas, menos entendimento sob o mesmo teto. Quanto mais parnasianos, ora direis, seu Bilac, menos estrelas a furar nosso zinco. Em uma D.R., a maldita discussão de relacionamento, vale também o mantra do Melodia, vale a economia poética, a fala pouca, a prosa enxuta para não complicar a história. Vale mais ainda um ensinamento das antigas: cala a boca e transa, como recomendaria o velho Reich (1897-1957), psicanalista austríaco do orgasmo para as massas.

Na oficina da escrita, idem, só trocamos Melodia e Reich pelas lavadeiras nordestinas, com o auxílio das vidas secas de Graciliano Ramos:

"Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira

lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes.

Depois enxaguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota.

Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer."

Se a gente falasse menos, meu querido cabra do Estácio, talvez praticasse mais, muito mais, tenho dito por elipses. Talvez o Temer, quem sabe, não estivesse comemorando tanto à nossa própria custa. Se a gente falasse menos, talvez vingasse mais ação direta.

Rapaz, agora quem me alerta é o amigo Mário Magalhães, o craque da biografia do Marighella, repare só a trinca de ases dos caras do morro do Estácio: Luiz Melodia, Carlos Lamarca e Gonzaguinha. Sem se falar na penca de tantos outros geniais compositores desta abençoada geografia carioca.

Se alguém quer matar-me de amor, quem me mate em qualquer beco do GPS afetivo, afinal este é o melhor acerto de contas para um mundo tão barulhento, um mundo de tanto twitter por nada, tanto piado por coisa alguma. Nada como um post atrás do outro e um silêncio respeitoso no meio. Se a gente postasse menos... ●



JOHN YUYI

POR DANNY LANE





2

3



ILFORD XP2 SUPER

4298







esquenta

SEXO, RELACIONAMENTO E ATITUDE



O TAMANHO IMPORTA?

DO EL HOMBRE

Nós, homens, somos obcecados pelo tamanho do nosso pênis. É uma tradição masculina desde que Adão cobriu seus dotes com uma folha de bananeira pela primeira vez. Ou seja lá a folha de qual árvore ele usou.

Mas afinal, as mulheres se importam com o tamanho ou não? Evidentemente, essa resposta vai variar de uma mulher para outra. Mas o El Hombre se debruçou em estudos científicos para tentar chegar à conclusão mais abrangente.

Vamos começar com uma pesquisa suíça que investigou quais são os fatores que tornam um pênis mais atraente. Sabe o que ficou em primeiro lugar? A limpeza. Em seguida vem “pelos pubianos bem cuidados”.

O comprimento nem mesmo entrou no pódio, cravando um modesto quinto lugar. Eis a lista, que foi publicada no Journal of Sexual Medicine:

Aparência cosmética
Pelos pubianos bem cuidados
Pele peniana bonita / Circunferência (empate)

Formato da glândula (cabeça)
Comprimento
Aparência do escroto (vulgo saco)
Posição e formato da uretra (o buraquinho)

Ou seja, as mulheres estão mais preocupadas com a higiene do seu pênis do que com o tamanho dele.

Mas elas de fato preferem um membro levemente avantajado, segundo pesquisadores dos Estados Unidos, com destaque para a palavra “levemente”.

Num estudo realizado pela Universidade da Califórnia, as mulheres escolheram um

tamanho de 16 cm de comprimento por 12,2 cm de espessura como o ideal em relacionamentos de longo prazo. No sexo casual esse número subiu para 16,3 cm de tamanho e 12,7 cm de circunferência.

Levando em consideração que a média dos homens americanos é de 14,2 cm (comprimento) por 12,2 cm (largura), dá para ver que as mulheres preferem um parceiro que é um pouco acima da média, mas não muito.

E para finalizar a nossa investigação, uma pesquisa da fabricante de brinquedos eróticos Lovehoney revelou os nove fatores que as mulheres acham mais importantes numa transa. E adivinha só? O tamanho nem mesmo entrou na lista:

Amor (39%)
Química (29%)
Autoestima sexual (8%)
Bom humor (7%)
Desejos compatíveis (5%)
Boa técnica (4%)
Aparência (3,5%)
Compromisso (3%)
Abertura para tentar novas coisas (1,5%)

A moral da história é que nós, homens, nos preocupamos à toa quanto o assunto é o tamanho do nosso júnior. Sim, as mulheres preferem quem está um pouco acima da média. Mas elas praticamente não ligam para isso, como vimos nestes estudos.

O que importa, afinal, não é o tamanho da ferramenta e, sim, a sua habilidade ao usá-la. Até porque 3 em cada 4 mulheres precisam de estímulo no clítoris para gozar, segundo um levantamento. A penetração apenas não é o suficiente para elas.

esquenta

.



atitude

.

AUMENTE SUA PRODUTIVIDADE

POR PEDRO NOGUEIRA

Um dos segredos do sucesso profissional (e pessoal) é ter uma rotina produtiva. Mas no meio deste caos e estresse em que vivemos, como organizar uma agenda que permita isso? A revista “Time” fez uma excelente compilação de estudos com cinco hábitos capazes de aumentar a nossa produtividade diária. Olha só quais são:

1# TER UM BOM RITUAL MATUTINO

Sabe aquela história de acordar tarde e ir direto para o trabalho? Má ideia. Segundo a escritora Laura Vanderkam, cuja obra é focada em produtividade, as pessoas bem-sucedidas costumam acordar cedo, ter objetivos pessoais e aproveitar o período matutino para realizá-los.

“Pessoas que traçam metas em termos concretos são 32% mais suscetíveis de sentirem-se no controle de suas próprias vidas”, revela um estudo. Elabore uma lista semanal ou diária das coisas que você deseja fazer e aproveite as suas manhãs para ticar os itens.

2# FAZER O TRABALHO CRIATIVO E EXECUTIVO NO COMEÇO DO EXPEDIENTE

Nosso cérebro está na sua melhor forma entre 2,5 e 4 horas depois de acordarmos, segundo uma pesquisa. Chegar ao trabalho e realizar primeiro as tarefas maçantes — tipo reuniões ou responder emails — é um grande erro. Este é o momento em que devemos criar e executar.

Além disso, as primeiras horas do dia é quando estamos

mais disciplinados, o que aumenta nossa produtividade. Ao longo do dia começamos a perder o foco e uma das razões são as distrações do escritório. Então chegue antes dos seus colegas e mande ver no trabalho.

3# REAGRUPAR A ENERGIA

O que fazer quando o nosso cérebro começa a se cansar de tarde? Esta é a hora de fazer uma pausa, tomar um lanche e até mesmo dar uma cochilada de 20 minutos, se possível. O que você precisa é uma mini versão do seu ritual matutino e avaliar o seu progresso do dia.

Nada é mais motivador do que o progresso, revela um estudo. Então pare por alguns minutos e pense em tudo o que você já fez de bom. Isso te

dará mais energia para as horas seguintes de trabalho.

4# DEIXAR TAREFAS MAÇANTES PARA O FIM DA TARDE

Como já falamos antes, no final do dia o nosso cérebro começa a diminuir de ritmo. Esta é a hora de fazer o que, portanto? As tarefas maçantes. Programe-se para realizar o trabalho que não pede criatividade ou energia neste momento, pois você está mais distraído.

5# RELAXAR CERTO DURANTE A NOITE

Todo mundo sabe que as pessoas de sucesso trabalham mais do que a média. Mas você deve lembrar-se que no dia seguinte, tudo começa novamente. Então é



necessário recarregar as baterias.

Uma das táticas para fazer isso? Antes do jantar, faça uma lista com seus objetivos para o dia seguinte. Isso vai ajudá-lo a desligar sua mente do dia que passou.

E, óbvio, temos os nossos hobbies. Mas o segredo aqui é adotar uma atitude ativa e não passiva, segundo uma pesquisa. Esqueça então a ideia de jogar videogame por longas horas, ver televisão ou encher a barriga. Melhor é praticar esportes, socializar com os amigos, treinar um instrumento ou qualquer coisa que ative seu lado criativo.

Não esqueça também de dormir bem. Vários estudos indicam que a falta de sono atrapalha nossa memória, raciocínio lógico, humor e

assim por diante. Afinal, depois de um dia tão produtivo, você precisa de energia para performar bem de novo no dia seguinte, certo?



faz sentido?

•

NÃO SEI ME DIVERTIR

POR MÔNICA DE SOUZA

Você acha que é uma tortura para os seus amigos saírem com você? Eu imagino que deve ser uma tortura sair comigo. Bem, ao menos é o que me parece quando vejo que não tenho absolutamente nada em comum com as pessoas que me convidam para sair.

Eu estou desde o ano passado fazendo faculdade - e este é um dos motivos pelos quais eu ando me ausentando do Twitter. Sexta-feira é dia de ir para a farra. E isso significa, obviamente, bar. Ou, como a faculdade é perto do centro de São Paulo, uma farra nos pontos mais tradicionais dos paulistanos. Já chegaram até o Baixo Augusta, um lugar que se parece muito com a Lacrolândia.

Eu, intrometida que sou, costume sair nessas farras com o pessoal. Meio que semana sim, semana não. Uma amiga sempre me chama toda sexta-feira pra ir com ela beber e eu vou. Farrear, não beber.

E esse é o primeiro problema: não sou chegada em bebida. O que é consequência direta do segundo problema: eu não sei me divertir.

Quer dizer, eu sei me divertir. Mas não numa farra regada a álcool, música e pegação. Eu não sei se sou criança demais ou se simplesmente não consigo ser legal com meus colegas.

Uma vez, um grupo de pessoas entrou num bar mais ou menos da avenida perto da faculdade. Tava rolando uma festa funk. Todo mundo foi tentar a sorte com meninos ou meninas e eu queria ficar ali dançando pessimamente. Um menino tentou uma gracinha comigo e eu fingi que não ouvi.

A noite toda foi isso: a maioria das pessoas tentando ser jovem e eu me portando da forma estranha com que eu sempre me portei. Pude

notar alguns olhares mais curiosos, provavelmente se perguntando quem era aquela louca. E nem isso foi o suficiente pra que eu parasse.

A vida toda a gente ouve que temos que ser nós mesmos e que ninguém pode ser julgado por isso. Mas o problema começa quando ser você mesmo significa ser um tipo de pessoa que faz poucas amizades. Você tem que ser você mesmo, mas tem que aceitar que isso te traz muitos problemas.

Na vida real, o diferente, o "esquisito", tem pouca ou nenhuma aceitação. E ninguém quer ficar sozinho no mundo. A gente acaba, meio que sem perceber, fingindo ser outra pessoa pra ser aceito. E quem nunca fingiu ainda vai fingir.

Eu, por exemplo, nunca fingi. E aqui estou eu escrevendo um texto sobre como as pessoas devem me achar estranha quando eu estou tentando me divertir, sobre como eu não sei me divertir de verdade como elas. Será que realmente tem alguma coisa que eu estou perdendo?

Talvez eu devesse me inspirar mais nos filmes que mostram como a juventude é a época ideal para beber, transar, dançar música eletrônica e se despreocupar completamente do que está acontecendo ao seu redor. Talvez eu devesse organizar minha versão do Projeto X. Certeza que seria um sucesso. Eu ia andar numa moto pica a 80 por hora do telhado da minha casa, ia estocar vodka pra todo mundo, ia dar em cima dos caras que nunca olhariam pra mim na vida real e ficaria com vários deles.

Soou tão falso que eu acho que o melhor é continuar sendo esquisita por mais um tempo. E dane-se o que vão pensar de mim. Acho que não sei me divertir mesmo...

crônica

.

OS ROBÔS

POR ALBERTO VILLAS

As primeiras imagens chegaram em radiofotos publicadas no jornal O Globo. O meu pai assinava, lia de cabo a rabo, e quando aparecia uma novidade assim vinha nos mostrar.

- Esse é o mundo em que vocês vão viver.

Lembro-me bem quando ele mostrou a radiofoto dos primeiros robôs que estavam sendo instalados na fábrica da Volvo, na Suécia. Eram monstrenhos cheio de braços e aquela imagem mostrava, em primeiro plano, um deles pintando a porta de um Volvo.

- Não tem férias, não tem hora extra, não tem pedido de aumento, não tem indenização, não tem reclamação e ainda por cima, robô não fica grávido!

Esses eram os argumentos do meu pai, fazendo uma previsão do que vinha pela frente, no que iria se transformar esse nosso mundo.

Ficávamos um pouco com medo dessas máquinas, mas achávamos que tínhamos muito chão ainda pela frente antes que eles invadissem nossas vidas.

Na televisão, víamos Os Jetsons. Minha mãe, vassoura na mão e espanador debaixo do braço passava pela sala e parava diante daquela Colorado RQ para admirar a Rosie, a empregada robô que circulava pela casa dos Jetsons espanando, varrendo, lavando e passando.

- Quero uma dessas!

Nós ficávamos ali admirados, imaginando nossa vida quando chegasse o ano 2000. Uma das coisas que eu mais gostava era aquele botãozinho que o Elroy Jetson apertava e saía um sanduíche prontinho, quase um Big Mac.

Voar como eles também era nosso desejo, circular de um lado da cidade para outro em naves velozes era um sonho. Evitaríamos os engarrafamentos de Studbakers que já começavam a aparecer naquela Belo Horizonte de início dos anos 1960.

Quando chegaram às lojas de brinquedos os primeiros robôs da Estrela, pedimos um de Natal e ganhamos, aquele que acendia luzinhas vermelhas, andava pra frente e pra trás, mexia os braços, a cabeça e falava uma língua que nos terráqueos não entendíamos.

O mundo em que nascemos era muito diferente do mundo em que vivemos hoje. Usávamos calça curta, escrevíamos com lápis Johann Faber número 2, o telefone era fixo e ficava na sala das nossas casas. Os canais de televisão iam do canal 2 ao 13, o farmacêutico conhecia todos os moradores do bairro, o pão era de meio quilo, a geleia era de mocotó e todos os dias os irmãos Marista carimbavam nas nossas cadernetas ausente ou presente.

Robôs só existiam lá na Suécia, pitando e apertando parafusos de Volvos. Por aqui, só nas vitrines das lojas de brinquedo, piscando e andando pra frente e pra trás.

O mundo dos Jetsons nunca chegou. Aquela vida da Rosie andando pela casa, colocando tudo em ordem, nunca existiu. Mas eu tenho uma queixa a fazer.

Tem mais de uma hora que estou tentando falar com alguém, com algum ser humano, pra vir consertar o nosso fogão aqui em casa. Uma voz metálica insiste em informar

Se deseja falar com o setor de atendimento ao consumidor, disque 1

Para peças e acessórios, disque 2

Se o assunto é entrega de mercadoria, disque 3

Se deseja fazer uma reclamação, disque 4

Se deseja agendar a visita de um técnico, disque 5

Não sonho mais com uma vida de Jetsons, mas sonho em ligar para um lugar, e um humano me atender.

- Alô, quem fala?

- É do armazém do seu José?

- Eu quero uma lata de biscoitos Aymoré!



becool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: El País, AFP, Treats, P Magazine, El Hombre, Zero Hora, Terra, Adorocinema, Livraria da Folha e Guia da Semana.

MAIS



REVISTAS

BECOOOL é uma publicação da Mais Revistas.
Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

INSCREVA-SE



be cool



becool
pra quem se veste com inteligência

